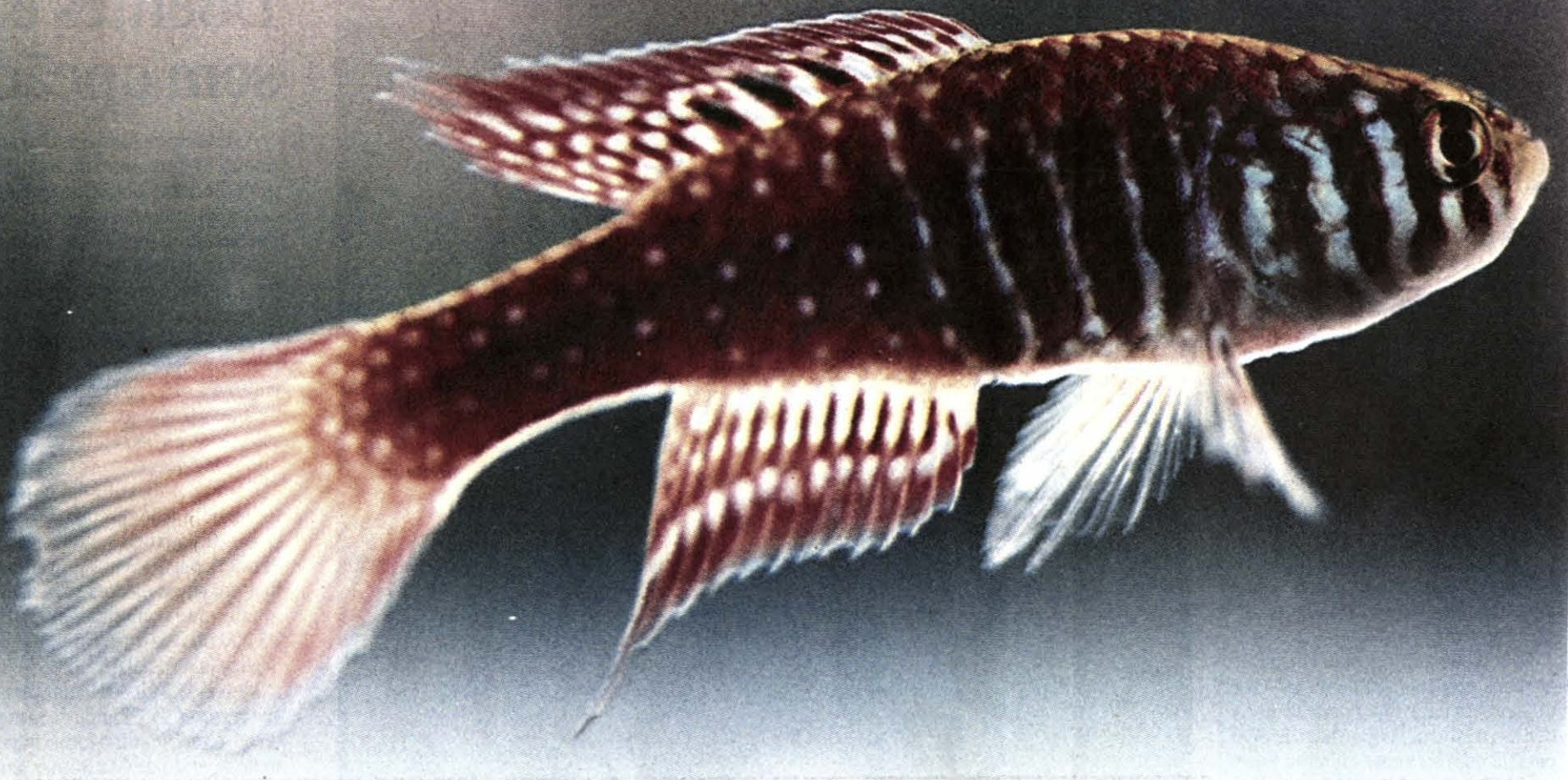


Edilson Rodrigues

BIODIVERSIDADE

Ameaçado de extinção, o pirá-brasília é encontrado em uma área de brejo do DF. Ele não existe em outras regiões e chegou a ser contrabandeado para colecionadores europeus

Peixe candango



A BELEZA E O TAMANHO DO PEIXINHO VERMELHO DESPERTARAM O INTERESSE DE CRIADORES DE ESPÉCIES ORNAMENTAIS: PROTEGIDO NA RESERVA DO IBGE

Sheila Messerschmidt
 Da equipe do Correio

Ninguém ouvia falar dele fazia tempo. Para ser mais exato, desde que o pobre peixe, apontado como hermafrodita, perdeu a eleição de animal símbolo de Brasília para o óbvio lobo-guará, em 1995. Até os biólogos chegaram a pensar que o pirá-brasília estivesse extinto, mas o peixinho que é a cara (e o nome) da cidade ainda sobrevive nos brejos do cerrado.

Dois populações com cerca de cem peixes machos e fêmeas foram encontradas na Reserva Ecológica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que fica em São Sebastião, às margens da DF-001. A área tem 1.350 hectares, dos quais 58 são brejos — terreno pantanoso em que vive o pirá-brasília. A reserva foi incluída por uma resolução federal, em 1986, na Área de Relevante Interesse Ecológico Capetinga-Taquara.

“Os peixes não tinham mais como continuar vivos em áreas poluídas e então migraram para essa reserva”, explica o biólogo Mauro Lambert, que encontrou os grupos de pirá-brasília. É uma espécie que só existe no Distrito Federal e foi descoberta em 1957, época em que a cidade começava a ser erguida no Plano Central.

O funcionário do Zoológico José Boiton encontrou em uma vereda do Riacho Fundo um peixinho pequeno, vermelho e com pintas azuis-anil. Como nunca tinha visto um peixe belo como aquele, José capturou o bichinho e resolveu enviá-lo para o

FICHA TÉCNICA

TAMANHO

Até 8 centímetros

COLORAÇÃO

O macho é vermelho com pontinhos azul-anil e a fêmea é cinza com três pontinhos pretos no meio do corpo

ALIMENTAÇÃO

Insetos aquáticos e terrestres

PREDADOR

A traíra

HABITAT

Poças nas veredas e nos brejos

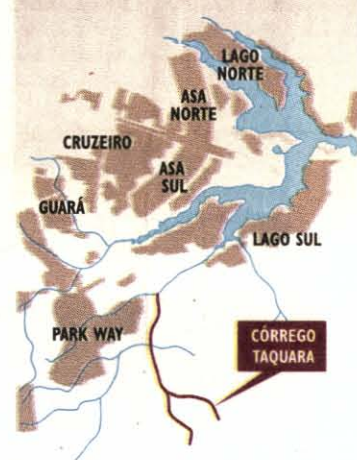
CICLO DE VIDA

Anual. A população de peixes adultos se reproduz no início da seca. No final da seca, enterram os ovos na lama do brejo. Nesse período, o brejo seca e os peixes adultos morrem. Os ovos passam a seca enterrados na lama. Quando voltam as chuvas, o brejo enche de água novamente, os ovos rompem e nasce uma nova geração de pirá-brasília

Fonte: Biólogo Mauro Lambert

OS SOBREVIVENTES

Ocorrência do Pirá-Brasília



MEMÓRIA

Animal ganhou a fama de gay

Em 1995, a discussão para a escolha do animal símbolo de Brasília chegou até a Câmara Legislativa. Mas os deputados acabaram debatendo se o pequeno pirá-brasília (*Cynolebias boitoni*), um dos candidatos, proposto pelo deputado Wasny de Roure (PT), era ou não homossexual. “Boitoni? Parece com baitola (pejorativo para gay)”, reagiu à época César Lacerda (PTB). Pensando que se tratava de um peixe hermafrodita — com os dois sexos —, Lacerda propôs emenda ao projeto de Wasny de Roure e fez o lobo-guará concorrer com o pirá-brasília. Até a apresentadora do SBT Hebe Camargo intrometeu-se na história, dedicando-lhe um minuto e meio do seu programa semanal. “Deixem o peixe em paz. Coitado dele. O que interessa se é bicha ou não?”, comentou a loira. Aconteceu ainda uma votação popular, e o lobo-guará, que também é o animal-símbolo do cerrado, venceu a disputa. E o pobre pirá-brasília ficou com fama de peixe gay.

Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Lá, o peixe foi catalogado e batizado com o nome da capital do país. A fêmea do pirá-brasília também foi encontrada depois — é menor do que o macho e tem cor cinza, com três pintas pretas. O tamanho máximo que o pirá-brasília atinge é 8cm.

MÃO DESTRUIDORA

Assim que foi descoberto, a beleza do peixinho vermelho e seu pequeno porte despertaram o interesse de aquaristas — pessoas que criam e vendem peixes ornamentais. Era fácil capturar os peixinhos nos poços d’água que se formam quando a época da seca inicia no cerrado. Assim, alguns pirá-brasília foram contrabandeados para as mãos de colecionadores europeus, principal-

mente da Alemanha e da Inglaterra. “Foi uma evasão da nossa biodiversidade”, observa o biólogo Mauro. Em aquários, o pirá-brasília já sobreviveu por até dois anos e meio.

Na década de 80, principalmente por causa da poluição que atingiu as veredas próximas ao Riacho Fundo — área em que o pirá-brasília era encontrado com facilidade — o peixinho vermelho desapareceu por uns tempos. “Chegamos a pensar que ele estava extinto”, lembra Mauro. Conforme o biólogo, que cita um estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), divulgado no ano passado, 80% das veredas do DF desapareceram.

O estudo foi preparado por quase dois anos em cima das oi-

to principais bacias hidrográficas da região. A conclusão do estudo foi de que as veredas desaparecem em razão da agricultura e da urbanização nas áreas encharcadas. O processo é simples, mas desastroso para a natureza: o homem drena o excesso de água e ali se instala, prejudicando o ecossistema essencial para a reprodução dos pirá-brasília e de outros peixes.

Aquela área em que o pirá-brasília foi encontrado pela primeira vez, próximo ao Zoológico, não ficou imune à mão destruidora do homem. O brejo simplesmente não existe mais. No entanto, o bravo pirá-brasília, apesar do aspecto frágil, resistiu e achou um refúgio na área de proteção do IBGE. Lá, nem o homem, nem a poluição o alcançam.